



**FACULDADE DE PINDAMONHANGABA
NATHANI ANDREZA DOS SANTOS RODRIGUES
THAMIRES FÉLIX BERTINI**

A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Pindamonhangaba – SP
2011**



FACULDADE DE PINDAMONHANGABA
NATHANI ANDREZA DOS SANTOS RODRIGUES
THAMIRES FÉLIX BERTINI

A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Prof^ª. Katia Regina Conrad Lourenço

Pindamonhangaba – SP
2011



**NATHANI ANDREZA DOS SANTOS RODRIGUES
THAMIRES FÉLIX BERTINI
A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Dedicamos esse trabalho aos nossos pais, base fundamental da nossa vida e protagonistas na construção da nossa história.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos a Deus pelo precioso Dom da Vida e por ter nos abençoado com o dom da fé, da caridade e da paciência, para que assim, pudéssemos chegar ao fim desta tão árdua jornada, superando nossos próprios medos e limitações, tornando possível à realização deste sonho.

Queremos agradecer a FAMÍLIA SANTOS: meu irmão Nather, minha cunhada Maressa e principalmente meus pais, José Benedito e Edna, por eu ser quem sou hoje, pela força e paciência nos momentos de desespero, pela mão amiga, pelo imenso amor e carinho presentes em nosso lar, pela compreensão de sempre e por terem tornado possível a concretização desse meu grande sonho e também por terem arcado com todo o custo financeiro da minha faculdade (NATHANI). A FAMÍLIA BERTINI: meus irmãos Tiago e Toniel, minha cunhada e sobrinhos, mas principalmente meus pais, José Almir e Mariza, que por meio da educação fornecida, me formaram para eu ser quem sou hoje, e também pela força, paciência, lutando sempre junto comigo, que muitas vezes pensei em desistir, mas eles nunca deixaram que eu desanimasse nesta caminhada, também pelo auxílio financeiro confiando que este sonho se tornasse realidade, através dos esforços de ambos (THAMIRES).

À nossa estimada orientadora, Prof^a Katia Regina Conrad Lourenço, pela sua paciência, dedicação, companheirismo, compreensão, e a todo apoio didático-pedagógico a nós ofertado neste trabalho.

Às professoras Patrícia Chipoletti e Kátia Corregiari, pela participação em nossa banca examinadora, contribuindo com críticas construtivas para o aprimoramento dessa pesquisa.

Agradecemos os nossos professores, a qual com muita destreza confiaram seus ensinamentos a nós, fazendo com que esta etapa tão importante da nossa vida, fosse realizada com sucesso, contribuindo imensamente com a nossa formação e aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Queremos agradecer também, de maneira especial nossos namorados Éder e Guilherme que compreenderam e respeitaram nossas ausências e dificuldades, também nossos amigos (que são muitos), conquistados durante nossa trajetória na faculdade.

Além desses agradecimentos não poderíamos deixar de agradecer a bibliotecária da Secretaria de Educação de Pindamonhangaba, Lívia Maria Geia Picca, pela compreensão e cooperação na renovação dos livros utilizados na realização dessa monografia e também a

cara amiga Lizânia, professora do Colégio Tableau, pelo empréstimo de materiais essenciais para a conclusão da mesma.

Agradecemos também a Fapi, pela bolsa de estudos parcial concedida para nós através do “Programa Universidade para Todos – PROUNI”, sendo essa também uma das responsáveis pela concretização dessa conquista.

Em particular quero agradecer minha grande amiga Thamires. Uma amiga a qual muito tempo não nos falávamos, mas que durante o decorrer do curso pudemos resgatar essa amizade que havia se perdido no tempo. Amiga a qual pude contar em muitos momentos, ou melhor, em todos eles, e que quero sempre ter ao meu lado. Obrigada por tudo, por ser quem você é batalhadora, amiga, e muito especial em minha vida. Como disse Milton Nascimento “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito...” E eu, já te tenho no meu coração (NATHANI).

Também em particular agradeço a minha grande amiga e parceira de pesquisa por me fazer sorrir, chorar acreditar neste grande sonho. Agradeço você pelo brilho de seus olhos, agradeço você pelo seu sorriso, por me fazer acreditar que sou capaz! Por me fazer acreditar que existem seres humanos, pessoas muito boas, como você. Prescrevo que existem pessoas que passam pela nossa vida, porém não somam e nem multiplicam, mas esta grande amiga, enfim uma irmã deixou e deixará toda sua experiência e pedagogia de fazer as pessoas felizes com um simples sorriso cativante. Deus diz que tudo nesta vida tem um tempo e ele preparou este tempo e espaço pra eu agradecer esta eterna amizade (THAMIRES).

“A escuta tem grande importância na educação infantil, pois todos demais conteúdos se alinham por meio da audição e da percepção”.

Judith Akoschky

RESUMO

Este trabalho apresenta o conceito de música e, tem como pretensão expor a musicalização dentro da Educação Infantil, que pode ser usada como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração sua contribuição para a formação integral da criança. O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, acoplado com observações cotidianas, onde notou-se a lacuna da musicalização dentro do espaço escolar, e a defasagem por parte de muitos educadores que não são devidamente preparados para desenvolver este hábito em suas práticas pedagógicas. A música quando vista como algo que está presente em nosso entorno a todo o momento, torna-se um dos caminhos mais eficazes no processo de aprendizagem infantil, pois a mesma é uma grande coadjuvante para o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento como, lingüístico, social e cognitivo. Ela desperta inúmeros sentimentos e sensações em cada um de seus ouvintes, e também diferentes interpretações, assim é algo capaz de estimular a criatividade e de suma importância na construção do saber. Pode-se concluir que é urgente a necessidade de se repensar as práticas de ensino, visando uma formação apropriada e buscando um trabalho verdadeiramente significativo, onde o desenvolvimento integral dos alunos seja o principal objetivo da Educação Infantil.

Palavras-Chave: Musicalização. Educação Infantil. Desenvolvimento Integral. Ensino-Aprendizagem.

SÚMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	MÉTODO.....	11
3	A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS DA CRIANÇA.....	12
3.1	Definição de música.....	13
3.2	A música na vida cotidiana.....	15
3.3	A música e a criança.....	17
4	O VALOR DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
4.1	A pedagogia da musicalização no processo de ensino-aprendizagem.....	27
4.2	A inteligência musical no caminho de uma aprendizagem significativa.....	30
4.3	Os benefícios da música no desenvolvimento do cérebro das crianças.....	32
5	AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	35
5.1	O processo de educação musical por meio de atividades lúdicas.....	37
5.2	Experiências de apreciação musical para uma aprendizagem eficaz.....	41
6	DISCUSSÃO.....	45
7	CONCLUSÃO.....	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi definida a partir da experiência participativa das autoras em atividades de musicalização na Educação Infantil. Dessa forma observa-se sua forte influência dentro desse contexto e as variadas possibilidades para a realização de um trabalho integrado gerando benefícios diversos às crianças.

A música tem o poder de despertar sensações de bem-estar tanto físico quanto mental. A criança desde pequena desenvolve-se reproduzindo sua própria história; ela cresce conhecendo a música, os sons e os ritmos, descobrindo assim, a infinidade de sons que a cercam. Nessa perspectiva a música torna-se uma linguagem expressiva onde as canções são veículos de emoções e sentimentos, que proporcionam à criança a possibilidade de reconhecer nelas seu próprio ser (ROSA, 1990).

Entretanto, por meio dessa pesquisa constatou-se uma grande defasagem no trabalho de musicalização realizado na Educação Infantil. Desta forma esta pesquisa pretende analisar qual o principal motivo que leva os educadores a desvalorizarem essa linguagem tão abrangente e expressiva que é a música.

Verificamos as diversas probabilidades do trabalho com a música dentro da Educação Infantil e a importância do educador estar apto a utilizar essa estratégia como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo principal da pesquisa foi expressar o valor que a música exerce na vida das crianças ressaltando suas possibilidades dentro da Educação Infantil, relatando sua contribuição para a formação de seres humanos sensíveis, criativos e reflexivos, ou seja, formando-os de maneira integral.

Principiando o trabalho algumas questões que norteiam o tema foram levantadas:

- Qual o valor da música na Educação Infantil?
- Como a música contribui para o processo de ensino-aprendizagem?

Estes questionamentos surgiram a partir da percepção da importância da música, como atributo na formação do sujeito e, sua participação como coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, percebe-se que a musicalização é um caminho que possibilita diferentes estratégias de ensino dentro da Educação Infantil. Entretanto analisamos que atualmente

muitos educadores não sabem aproveitar essa rica fonte de ensino e acabam desperdiçando todas essas possibilidades.

Assim foi proposto um trabalho com a musicalização, mostrando como essa experiência pode gerar resultados eficazes, na medida em que o professor esteja apto para realizar o mesmo. A partir dessas pressuposições realizamos uma pesquisa bibliográfica, com a utilização de livros e textos científicos para a comprovação das nossas iniciais verificações. Sendo assim, foi dividida em três partes:

A primeira parte retrata a importância da música nas possibilidades expressivas da criança, apresentando os diferentes conceitos sobre a definição de música, a constante presença da mesma em nosso cotidiano e na vida da criança desde o útero materno.

A segunda parte aborda o valor da música na Educação Infantil e a sua pedagogia no processo de ensino-aprendizagem, relatando como essa ferramenta pode beneficiar o cérebro durante a infância. Também enfatiza a inteligência musical como um caminho para uma aprendizagem eficaz e como essa estratégia pode ser usada no processo de desenvolvimento infantil.

E por fim, a terceira parte expõe algumas estratégias musicais que podem ser utilizadas dentro da modalidade apresentada, fazendo um misto entre o prazer de educar por meio da música, a inserção de atividades lúdicas para esse processo e algumas experiências realizadas através da música que alcançaram uma aprendizagem eficaz.

2 MÉTODO

Para comprovar a importância da musicalização na Educação Infantil, foi feito um levantamento bibliográfico em alguns livros e periódicos que abordam o tema desenvolvido, além da utilização do documento Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, v. 3, elaborado em 1998, pelo MEC, como suporte para o trabalho no contexto específico da educação infantil. Os principais autores embasados para o desenvolvimento deste, foram, Britto (2003), Brasil (1998) e Rosa (1990). A partir da necessidade da constatação de algumas informações, foram utilizado outros autores que também abordam o tema da pesquisa.

3 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS DA CRIANÇA

Enquanto cresce, a criança vivência as mais diversas experiências. Essas podem contribuir ou dificultar o seu desenvolvimento, seja ele cognitivo afetivo ou social. A música quando bem apreendida pode se tornar grande colaboradora nesse crescimento, uma vez que, o sujeito desde o ventre materno já inicia sua experiência musical, com o mundo ao seu redor.

Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte de nossa integração com o mundo em que vivemos: ouvimos o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando no coqueiro, ouvimos o bater dos martelos, o ruído de máquinas, o motor de carros ou motos, o canto dos pássaros, o miado dos gatos, o toque do telefone ou o despertador, ouvimos vozes e falas, poesia e música (BRITTO, 2003, p. 17).

Brito (2003) ainda relata que reconhecemos inúmeras informações sonoras, pois os sons estão presentes constantemente em nossas vidas, ao acordar, ao dormir, quando nascemos ou morremos. Eles também podem nos indicar situações ou, despertar recordações e sentimentos.

A música proporciona sensações de bem-estar, e, à medida que se aprofunda o estudo musical, percebemos o quanto ela é importante para a formação do ser humano. Desde o início, o ser humano descobre os sons e o ritmo em seu próprio corpo e na natureza ao seu redor. Atualmente, a linguagem musical é estruturada e analisada em diferentes aspectos, como a terapia e os meios de comunicação de massa. A música visa beneficiar as crianças, não só para o seu desenvolvimento intelectual, social e físico, mas também para a melhoria da sua qualidade de vida (ROSA, 1990).

A autora alega que musicalização como recurso pedagógico no aprimoramento da expressão infantil, visa beneficiar as crianças, não só para o seu desenvolvimento intelectual, social e físico, mas também para a melhoria da sua qualidade de vida.

Música não é apenas melodia, ritmo ou harmonia, ainda que esses elementos estejam muito presentes na produção musical com o qual nos relacionamos cotidianamente, mas a linguagem musical é um dos meios para se alcançar uma educação de qualidade (BRITTO, 2003). Nessa perspectiva Rosa (1990) afiança a importância de o professor assumir uma postura reflexiva e crítica, pois dessa forma estará facilitando a aprendizagem,

proporcionando situações enriquecedoras e organizando experiências que garantirão a expressividade (ROSA, 1990).

É preciso que o educador conheça as fases do desenvolvimento da criança e é a partir daí que conseguirá resultados da capacidade criativa da criança, onde o seu potencial será trabalhado. Durante esse trabalho que envolve a musicalização, é essencial conhecer e preservar tradições musicais e também a produção musical de outros povos e culturas, além de explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para fazê-lo musical (BRASIL, 1998, v. 3).

3.1 Definição de música

As definições de música expressam diferentes concepções. É muito difícil definir ao certo o que é a música. De acordo com Jeandot (1997), pesquisadores e estudiosos da área têm investigado o significado dessa arte, porém, nem sempre chegam a conclusões unânimes.

Ela cita algumas questões que leva-nos a refletir sobre a definição dessa arte como segue: Pode-se definir música como uma linguagem? Uma manifestação artística capaz de nos atingir, numa proporção em que a razão e o raciocínio lógico talvez não atinjam? Ou será que sua definição pode-se restringir apenas a uma sucessão de sons?

Quando ouvimos a leitura de um texto, podemos perceber sons e ritmos diferentes, porém cada palavra representa uma ideia definida e concreta. Ao contrário, a música nunca expressa uma ideia definida, muito menos desperta os mesmos sentimentos, mas sim aspectos abstratos e diferentes uns dos outros sendo assim, entende-se a razão pela qual a música pode ser compreendida e executada de diversas maneiras, despertando assim sentimentos desiguais (JEANDOT, 1997).

A autora assegura que esta contribui para o processo de desenvolvimento do ser, pois permite à criança aprimorar a expressão oral, conhecer seu corpo e seus movimentos, criar vínculos afetivos e relações saudáveis de convivência, além de ampliar seu vocabulário, estimular a criatividade e ajudá-la a conhecer melhor o mundo que nos cerca (JEANDOT, 1997).

Para o compositor e maestro alemão Richard Wagner (1813-1883) “música é a linguagem do coração humano” (JEANDOT, 1997, p. 12). Com base na autora a música é uma linguagem universal, mas com muitos dialetos que variam de cultura para cultura, ela é

utilizada por todos os povos e civilizações, e envolvem desde batidas do coração às melodias da voz humana, sons da natureza, cantigas de rodas e sons de instrumentos cada vez mais complexos e diversificados.

Segundo Britto (2003, p. 26), não se pode definir música como harmonia, melodia ou ritmo, ainda que esses sejam elementos fundamentais para a composição da música que ouvimos cotidianamente. Mas “Música é também melodia, ritmo, harmonia, dentre outras possibilidades de organização do material sonoro.” Assim pressupõe que, a ideia essencial à linguagem musical é “a criação de formas sonoras com base em som e silêncio, de muitas maneiras”.

A autora relata que durante o século XIX muitas transformações políticas, econômicas, sociais e ideológicas aconteceram na cultura ocidental, envolvendo também a música.

Uma enorme reviravolta dos princípios estéticos e uma nova atitude face ao som começam a se delinear, ainda nas primeiras décadas do século XX, provocando uma significativa mudança na história da percepção auditiva do homem ocidental. Aqueles sons que, outrora, configuravam-se enquanto ‘pano de fundo’ – os ruídos ambientais – tornam-se, agora, musicais (CARNEIRO, 2002, p. 53 apud BRITTO, 2003, p. 27).

Entretanto, a definição de música para ela vai mais além:

A música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. {...} Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o imprevisível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois ‘tudo o que fazemos’ (todos os sons, ruídos e não-sons incluídos) ‘é música (CAGE, 1985, p. 5 apud BRITTO, 2003, p. 27).

Na realidade é difícil encontrar um conceito que defina música de maneira completa, mas percebe-se que, de forma geral, ela é uma combinação de elementos sonoros. “Arte e ciência de combinar os sons de maneira agradável ao ouvido” (FERREIRA, 2001, p. 570).

Brasil (1998, p. 45) defende a música como: “linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio”. Conforme esse documento a música está presente em todas as culturas seja em comemorações, manifestações políticas, cívicas, etc. Ele ainda apresenta a música como uma das formas mais importantes de

comunicação humana, que promove a interação e comunicação social, integrando os aspectos cognitivos, sociais e afetivos.

Não é necessário ser músico para ter vivência musical. Todos nós temos uma história de vida permeada pela música, pelos valores e pelas tradições culturais do meio em que vivemos e, podemos buscar muitos elementos nessa nossa bagagem (JEANDOT, 1997).

3.2 A música na vida cotidiana

A música ocupa um espaço significativo durante nossa vida cotidiana e está presente nas mais variadas situações da vida humana. Ela pode ser definida como uma linguagem geradora de conhecimento. Desde o momento em que acordamos e iniciamos nossas atividades rotineiras, nossos ouvidos já estão ativos a perceber a infinidade de sons presentes em nosso entorno, por meio do rádio, da TV, brincadeiras e inúmeras manifestações (BRASIL, 1998, v. 3, p. 48).

Dessa forma observamos que ela vai muito além de uma simples combinação de sons, pois nela está o poder de transformar nosso espírito, despertando em nós sentimentos de alegria, tristeza, euforia enfim, “a música integra-se ao nosso íntimo e adquire significação para nossa vida pessoal” (ROSA, 1990, p. 15).

Ao mencionar a relação do homem pré-histórico com a música, a autora assegura que ela está presente desde os primórdios e acompanhou o ser humano ao longo de toda sua trajetória. Inicialmente os sons eram descobertos pelos seres humanos através de seu próprio corpo e na natureza que o cercava.

“Desenhava nas pedras de forma rudimentar, a presença da música em seu cotidiano. Registrava nas pedras o uso de instrumentos de percussão, como tambores, e de sopro, como a flauta de bambu” (ROSA, 1990, p. 18).

Entretanto, com o passar do tempo, na medida em que foi acontecendo a evolução humana, a linguagem musical também foi se aperfeiçoando e beneficiando-se dos avanços tecnológicos, através do surgimento de instrumentos musicais mais complexos e formas mais adequadas do registro de música. E através de tantos benefícios gerados a partir da evolução da linguagem musical, hoje nos deparamos com as mais variadas formas de harmonia desde as mais simples às mais complexas (ROSA, 1990).

Ainda segundo a autora, nos dias atuais a arte musical é estudada e analisada como mediadora para beneficiar diversos aspectos, seja como terapia, como recurso dos meios de comunicação de massa, como meio de sensibilização na educação de pessoas com deficiência e como auxiliar em psicoterapia, além de ser uma forte aliada para os educadores, auxiliando na construção de atividades lúdicas, dinâmicas e enriquecedoras para as crianças, atingindo-as de maneira global.

É possível constatar a fala da autora a partir da colocação feita por Brasil (1998, p. 49) quando o mesmo menciona a música como “um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais”.

Como já colocado a música se manifesta em nosso cotidiano com uma predominância relevante aos nossos ouvidos, dessa forma todos se relacionam com a música de alguma maneira, em diferentes momentos e por diversas razões, seja cantando, dançando, escutando ou tocando algum instrumento.

Ouvimos música no supermercado ou sentados na cadeira do dentista! Surpreendemo-nos cantando aquela canção que parece ter ‘cola’ e que não sai da nossa cabeça e não resistimos a, pelo menos, mexer os pés, reagindo a um ritmo envolvente. E quantos de nós já não inventaram canções, seja durante a infância, seja para ninar nossos filhos? (BRITTO, 2003, p. 31).

Cada pessoa carrega uma bagagem com seu próprio repertório musical, marcado, muitas vezes, por músicas significativas que dizem respeito à sua própria história de vida. Sempre relembramos músicas que marcaram nossa infância, aquela que cantávamos na escola, as que remetem fatos alegres ou tristes, as que ouvimos no rádio, em concertos, shows ou até mesmo àquelas que nos fazem lembrar alguém (BRITTO, 2003).

Jeandot (1997) afirma que a receptividade a música é um fenômeno corporal instantâneo de todo ser humano. Desde seu nascimento toda criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca, os sons humanos ou qualquer outro tipo de sonorização presente a sua volta, é captada por ela. O contato com a música ocorre de maneira imediata seja através do acalanto materno ou através dos aparelhos sonoros de sua casa.

Na medida em que as crianças crescem, a música se torna cada vez mais presente em seu cotidiano. Na escola, mais especificamente durante a educação infantil, é o período marcado pelo intenso trabalho com a musicalização, como alude o documento a seguir:

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções (BRASIL, 1998, v. 3, p. 46).

Através da música a criança tem a oportunidade de interagir com o meio que a cerca de forma concreta, ou seja, utilizando sua própria linguagem, como afirma Rosa (1990, p. 16), “influem sobre o aprendizado da música as experiências anteriores da criança, a atenção, a memória, a percepção e, principalmente, sua interação com o mundo”.

3.3 A música e a criança

O envolvimento das crianças com o universo sonoro acontece muito antes do seu próprio nascimento, pois ainda no útero materno, os bebês já começam a conviver com uma série de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. Dentre os primeiros sons que o bebê pode vivenciar, destaca-se um material sonoro muito especial e que serve como sua primeira referência afetiva, a voz da materna (BRITTO, 2003).

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar, são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música (BRITTO, 2003, p. 31).

Rosa (1990) faz referência à música como uma ferramenta fundamental para a interação da criança com o novo mundo que a cerca. Na mesma linha de pensamento, Jeandot (1997)

apresenta que, muito antes de falar, os bebês vivem a cantar e a gorjear, isto acontece, pois é uma forma que ele encontra de experimentar os sons que podem ser produzidos com sua boca.

Observando uma criança pequena, podemos vê-la cantarolando um versinho, uma melodia, ou emitindo algum som repetitivo e monótono, balançando-se de uma perna para outra, ou ainda para frente e para trás, como que reproduzindo o movimento do acalanto. Essa movimentação bilateral desempenha papel importante em todos os meios de expressão que se utilizam do ritmo, seja música, a linguagem verbal, a dança etc (JEANDOT, 1997, p. 18).

A reação de uma criança perante a música é comum, todas acompanham a música com os movimentos do seu próprio corpo, explorando o mesmo de maneira prazerosa, batendo palmas, sapateando e dançando “mas, inicialmente é esse movimento bilateral que ela irá realizar” (JEANDOT, 1997, p. 19).

A autora assegura que desde um ano de idade embora mesmo sem sincronia, o bebê é instigado pela música a se balançar e, apenas por volta dos quatro anos de idade essa sincronia se estabelece conforme o ritmo.

O processo de musicalização dos bebês e crianças inicia-se de maneira intuitiva, por meio de música e os mais variados tipos de sons presentes no cotidiano. As canções de ninar, parlendas e até mesmo as melodias cantadas pelos adultos acabam se tornando momentos prazerosos e significativos para as crianças. Dessa forma elas acabam tentando imitar ou até mesmo dar uma resposta aos sons de seu entorno, assim vai construindo seu repertório de comunicação através dos sons (BRASIL, 1998).

Ainda com base nesse documento a música, utilizada em momentos dentro da sala de aula, apreciada e incorporada à vida dos sujeitos envolvidos, torna-se uma didática agradável e sugestiva tanto para os educadores quanto para os educandos.

A expressão da criança por meio da musicalização resulta sua representação do saber construído através de sua interação afetiva e cognitiva com o meio que a cerca, ou seja, quando uma criança ouve uma canção na qual remete um significado para sua vida, esta passa a fazer parte do seu repertório musical.

Ao pensar uma ideia e ao expressar verbalmente essa ideia, a criança se encontra no processo de representação. Quando canta, numa conceituação mais ampla, ela está fazendo uma apresentação da representação construída através de uma leitura de mundo. Ao cantar,

a criança utiliza ativamente uma linguagem verbal e representa modos próprios de perceber e assimilar o ambiente ao redor (ROSA, 1990, p. 17).

Segundo Gainza (1988) apud Rosa (1990 p. 17), “a linguagem musical é aquilo que conseguimos conscientizar ou aprender a partir da experiência”.

A música constitui uma fonte de prazer na medida em que atende às necessidades de ludismo e de informação para criança. Por meio da música a criança brinca, inventa, cria e aprende. Assim afirma a autora quando assegura que: “a melhor forma de trabalho pedagógico é aquela que proporciona a educação da pessoa inteira, criativa e crítica” (ROSA, 1990, p. 19).

Rosa (1990) ainda alude que a linguagem musical, deve ser um dos meios para que se possa alcançar essa educação. O educador que deseja obter resultados significativos através da musicalização precisa assumir uma postura reflexiva e crítica, adequando as atividades desenvolvidas dentro dos eixos básicos da educação infantil, e incluindo essa poderosa coadjuvante na aprendizagem dos alunos. Assim poderá proporcionar situações enriquecedoras, organizando experiências e garantindo a expressividade infantil.

Britto (2003) alega que para trazermos a música em nosso ambiente de trabalho é necessária uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para observar o modo como às crianças percebem e se expressam musicalmente em cada fase de seu desenvolvimento, sempre com o apoio de pesquisas que fundamentem o trabalho.

Para a autora, na medida em que a criança percebe, aprende e se relaciona com o mundo, também percebe, aprende e se relaciona com os sons. Entretanto essa trajetória é marcada por uma controvérsia que liga o preciso ao impreciso, na medida em que o trabalho com a musicalização não pode ser único, com uma conotação de valor que defina o certo do errado.

Ela ainda afirma que os sons vocais emitidos pelos bebês nada mais é do que um exercício que possibilita a ampliação do seu repertório, e futuramente esses sons é que darão início ao processo de fala.

De acordo com o Brasil (1998), algo que tem despertado o interesse de pesquisadores são o balbúcio e os sons produzidos pelos bebês até dois anos. Eles imitam todos os ruídos que estão em seu entorno desde sons produzidos por brinquedos até obras musicais, e a presença destes pode gerar nos bebês as mais diversas reações como agitação ou

tranquilidade. Já na faixa etária dos três anos, a exploração dos sons ocorre de forma intuitiva e está ligada ao aspecto afetivo.

As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais e à sua produção musical. O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons, podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis etc (BRASIL, 1998, v. 3, p. 52).

Dessa forma aos três anos, a música se encontra ainda mais presente no cotidiano das crianças, permitindo um desenvolvimento rítmico e motor significativo. Os jogos com movimentos sintonizados a música despertam interesse nas crianças, pois é fonte de alegria e prazer (BRASIL, 1998, p. 52).

Essa faixa etária é marcada pelo crescimento do repertório musical, pois a criança conta com um “arquivo” de informações que já adquiriu até o momento. Mesmo sem afinação, porém recorrendo ao seu “arquivo” de informações a criança já tem um maior domínio da entonação melódica. “Ela é uma boa improvisadora, “cantando histórias”, misturando idéias ou trechos dos materiais conhecidos, recriando, adaptando etc. É comum que, brincando sozinha, invente longas canções” (BRASIL, 1998, p. 52).

Na medida em que o tempo passa a criança começa a perceber os sons de forma mais complexa, acompanhando os ritmos por meio de movimentos com o próprio corpo como palmas, batidas na perna, pés, etc. “A audição pode detalhar mais, e o interesse por muitos e variados estilos tende a se ampliar” (BRASIL, 1998, p. 53).

Ainda segundo o documento acima citado, o trabalho com a música com crianças de zero a três anos visa atender alguns objetivos como, ouvir e discriminar diversos tipos de produções musicais, onde a criança possa criar, imitar e inventar por meio da música.

Britto (2003) menciona algumas que variar a velocidade, a intensidade, explorando sons de diferentes alturas são algumas formas de se fazer música com crianças de até dois ou três anos. Entretanto ela assegura que, dentro do processo de musicalização é necessário respeitar cada fase de desenvolvimento individual, o contexto socioeconômico, o contato direto que a criança tem com diferentes tipos de manifestações musicais, sem contar com os estímulos de

afeto, segurança e amor, pois todos esses fatores contribuem de certa forma para o seu desenvolvimento musical.

Já crianças que se encontram na faixa etária dos quatro aos seis anos, os objetivos são mais complexos, na medida em que o trabalho com a musicalização permite que a criança amplie seu conhecimento de mundo, expresse sensações, pensamentos e sentimentos, interpretando as composições musicais que são vivenciadas (BRASIL, 1998).

Para Britto (2003) a expressão musical adquirida pelas crianças em cada faixa etária pode ser comparada ao processo de aquisição da linguagem. Uma criança antes de aprender a ler e a escrever passa por diversas fases que envolvem percepções, explorações, descobertas, construções de hipóteses e reflexões, ou seja, inicialmente ela explora os sons presentes em seu meio, depois o reproduz, conhece letras, formula palavras, escreve frases então chega até a fase da leitura. E é exatamente dessa forma que acontece com a música, a consciência em persisto movimento.

A autora assevera que o educador deve respeitar o desenvolvimento individual de cada criança, porém algumas intervenções educativas são sempre necessárias. Ele deve atuar no processo de musicalização como animador, ou seja, estimular, trazer informações e vivências dentro do contexto escolar que irão enriquecer e ampliar o conhecimento integral da criança, principalmente na educação infantil.

Entretanto, é importante considerar legítimo o modo como as crianças se relacionam com os sons e silêncios, para que a construção do conhecimento ocorra em contextos significativos, que incluam criação, elaboração de hipóteses, descobertas, questionamentos, experimentos etc (BRITTO, 2003, p. 45).

Britto (2003) faz referência ao verdadeiro sentido da educação musical, onde o objetivo a se alcançar não é a formação de possíveis músicos amanhã, considerando a música como sujeito da experiência musical. A prioridade do trabalho realizado com a musicalização é formação integral da criança.

4 O VALOR DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música exerce um papel importante no contexto da Educação Infantil. Ela contribui para o desenvolvimento psicomotor, sócio afetivo e linguístico, além de ser uma ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem, incluindo o período da alfabetização (ROSA, 1990).

O período preparatório à alfabetização beneficia-se do ensino da linguagem musical quando as atividades propostas contribuem para o desenvolvimento da coordenação visiomotora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimentos, ou seja, são as operações mentais que usamos para aprender a raciocinar. A simples atividade de cantar uma música proporciona a criança o treinamento de uma série de aptidões importantes (ROSA, 1990, p. 21).

Segundo Rosa (1990) o processo de musicalização vai muito além de composições musicais representadas por meio de palavras, pois envolve todas as áreas do desenvolvimento da criança. A música auxilia na construção do conhecimento, da sensibilidade, da criatividade, do senso rítmico, da imaginação, da memorização, da concentração, da atenção, além de favorecer a socialização e a afetividade.

A autora assevera que um educador consciente utiliza a música para apresentar a seus alunos as mais variadas situações de aprendizagem e não faz uso desse momento simplesmente para fazer recreação. “Em muitas circunstâncias bem planejadas ela é uma forma de representação de vida da criança” (ROSA, 1990, p. 20).

De acordo com Brasil (1998) cabe ao educador entender que a música é uma linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, para tanto deve ser bastante vivenciada e estimulada.

No entanto esse mesmo documento chama a atenção para o contexto da Educação Infantil, aonde a música vem atendendo questões muitas vezes distantes das suas funções adequadas. Ela tem servido como apoio para atender a propósito relacionados a formação de hábitos, atitudes e comportamentos relacionados a rotina escolar como, escovar os dentes,

lavar as mãos, hora do lanche, hora da saída, etc; além de ser uma ferramenta utilizada em comemorações do calendário do ano letivo como dia das mães, dia do soldado, entre outras.

Na mesma linha de pensamento Rosa (1990) chama a atenção para a mesma questão.

As atividades musicais contribuem para que o indivíduo aprenda a viver na sociedade, abrangendo aspectos comportamentais como disciplina, respeito, gentileza e polidez e aspectos didáticos, com a formação de hábitos específicos, tais como os relativos a datas comemorativas, a noções de higiene, a manifestações folclóricas e outros (ROSA, 1990, p. 22).

Segundo Brasil (1998,) além dessas estratégias, a utilização da música também é marcada pela memorização de muitos conteúdos relativos a números, letras do alfabeto e cores. Entretanto seu uso é marcado por gestos corporais, imitados mecanicamente pelas crianças, o que demonstra como a musicalização tem sua função distorcida dentro do contexto escolar.

Na mesma linha de pensamento Rosa (1990, p. 22) relata que datas comemorativas são sempre oportunidades para realização de atividades musicais, no entanto ela assegura que “as comemorações não devem ser consideradas a principal finalidade do trabalho com música na escola, mas uma de suas aplicações”.

As festas comemorativas devem despertar interesse em realizar um trabalho mais profundo e significativo devido a sua relevância à sociedade. Nada adianta utilizar o recurso musical sem considerá-lo uma atividade ampla, rica, abrangente e expressiva. “As músicas comemorativas constituem um recurso didático interessante e dinâmico, pois através dela muitos assuntos podem ser trabalhados, com integração de várias disciplinas” (ROSA, 1990, p. 22).

Com base em Brasil (1998), a utilização da música vem sendo repensada dentro do contexto escolar, pois muitas instituições encontram dificuldade para unificar a música ao contexto educacional. Ela tem sido utilizada como algo pronto em que as crianças aprendem apenas a reproduzi - lá, porém vai além dessa definição, pois é uma linguagem que possibilita o desenvolvimento do conhecimento. Dessa forma constata-se uma defasagem no trabalho realizado com a música em relação às outras áreas do conhecimento.

Para Britto (2003) essa defasagem é resultado da má formação dos educadores responsáveis pela educação infantil, que desconhecem ou não levam em consideração a

importante relação da criança com essa linguagem. A linguagem musical avança a passos muito lentos, dessa forma a defasagem torna-se algo corriqueiro.

Mas continuamos apenas cantando canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo etc., quase sempre excluindo a interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, pela pesquisa e criação [...] (BRITTO, 2003, p. 52).

De acordo com a autora, esses profissionais entendem a música como “algo pronto”, cabendo a nós simplesmente a tarefa de interpretá-la desconsiderando a possibilidade de improvisar, experimentar, inventar “como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical” (BRITTO, 2003, p. 52).

Estudiosos vêm traçando paralelos entre o desenvolvimento infantil e as atividades de expressão musical, na busca de estratégias que respeitem o modo de sentir e pensar de cada fase, para que a construção do conhecimento pertinente a essa linguagem, ocorra de maneira significativa (BRASIL, 1998).

Amplia-se o número de pesquisas sobre o pensamento e a ação musicais que podem orientar os educadores e gerar contextos significativos de ensino-aprendizagem, que respeitem o modo de perceber, sentir e pensar de bebês e crianças (BRITTO, 2003, p. 53)

Salienta-se também que música como estratégia de ensino-aprendizagem deve promover o ser humano. Dessa forma o trabalho nessa área deve incluir todos os alunos, pois as competências musicais se desenvolvem por meio da prática regular e orientada dentro de um contexto de respeito, valorização e estímulo, através de propostas que considerem não apenas o produto final, mas todo o processo de trabalho, principalmente quando essa estratégia é utilizada na formação de crianças que apresentam necessidades especiais (BRITTO, 2003).

Confirma-se essa perspectiva Brasil (1998), quando afirma que:

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do

equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998, v. 3, p. 49).

A música mantém um contato direto as demais áreas do conhecimento (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), sendo assim sua integração a essas linguagens é algo corriqueiro na educação infantil. Entretanto, é necessário cuidar para que o valor da música não se perca em meio a outros contextos, e que não se deixe de lado os exercícios das questões especificamente da música (BRASIL, 1998).

De acordo com Rosa (1990, p. 23), a linguagem musical deve estar presente nas atividades de Educação Física, por meio de brinquedos e rodas cantadas, exercícios ginásticos, jogos, onde a criança desenvolve a linguagem corporal. “A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento”.

O trabalho com a musicalização realizado dentro das instituições de educação infantil deve ser devidamente organizado, respeitando-se o nível de percepção e desenvolvimento (global e musical) de cada criança. Outra questão relevante de ressaltar é a necessidade de respeitar as diferenças socioculturais existentes nas diferentes regiões do país (BRASIL, 1998).

Ainda com base nesse documento, na educação infantil, o fazer musical, corresponde à maneira de se comunicar e expressar através da improvisação, composição e interpretação. Improvisar nada mais é do que criar instantaneamente. Compor é a criação musical marcada por sua permanência na memória, através da gravação por meios mecânicos (fita cassete, CD). Interpretar é a imitação e reprodução de uma obra.

O mesmo documento apresenta que crianças de zero a três anos exploram, expressão e produzem os sons da voz, do corpo e de todo seu entorno; interpretam músicas e canções diversas além de participar de brincadeiras e jogos cantado e rítmicos.

Já na fase de quatro a seis anos, ampliam-se as possibilidades de estratégias que já vinham sendo desenvolvidas com as crianças de zero a três anos como, reconhecimento e utilização expressiva em contextos musicais referentes a altura, duração, intensidade e timbre; participação em jogos e brincadeiras com dança e improvisação musical, além de repertórios de canções para desenvolver memória musical (BRASIL, 1998).

Dentro desse contexto Britto (2003) propõe algumas atividades necessárias no dia a dia da educação infantil que se resumem na interpretação e criação de canções; brinquedos

cantados e rítmicos; jogos que reúnem som, movimento e dança; jogos de improvisação; sonorização de histórias; entre outros.

A educação infantil é um espaço em que se deve explorar as mais diversas situações de musicalização. Além de cantar, é preciso brincar com a voz, pois esse exercício permite que as crianças descubram as diferentes expressões sonoras. Imitar animais, ruídos, além de sons relativos a vogais e consoantes (com a preocupação de enfatizar a formação labial), são algumas estratégias de brincadeiras sonoras significativas nesse contexto (BRITTO, 2003).

Conforme a autora por meio dos sons vocais surge à possibilidade de sonorizar histórias, interpretando as vozes dos personagens; livros com paisagens e animais; contos de fada, entre outros. É importante que esse trabalho aconteça em um ambiente tranquilo, onde as crianças possam participar e interagir com essas situações.

A autora ainda assegura que o educador deve lembrar-se que ao falar e cantar atua como modelo diante das crianças, sendo assim, é fundamental que adote uma postura adequada, ou seja, mantenha-se relaxado, respire tranquilamente, não grite e não force a voz.

O adulto, como modelo, deve cantar sem gritar, evitando pedir que as crianças sempre cantem “mais alto”, tirando-lhes a chance de perceber a diferença entre cantar e gritar! Mesmo não sendo um ótimo cantor, pode cantar e brincar com as crianças, com o cuidado de adequar o canto às suas possibilidades vocais e às dela. Não deverá cantar muito grave, nem agudo demais, nem apresentar canções que tenham letra muito longa, exigindo muita repetição (BRITTO, 2003, p. 92).

De acordo com Britto (2003) é essencial brincar e cantar com as crianças, pois através dessa estratégia, cria-se um vínculo afetivo e prazeroso forte e significativo. Entretanto é necessário que essa atividade seja realizada em um ambiente propício com orientação e estímulo à interpretação.

O simples ato de cantar mecanicamente como forma de marcar a rotina, hora da entrada, hora do lanche, hora da saída etc., não significa uma atividade expressiva de musicalização, onde se pode desenvolver habilidades nessa área do conhecimento. “O que acontece, muitas vezes, é que o “cantar da rotina” torna-se monótono, repetitivo, mecânico e pouco musical!” (BRITTO, 2003, p. 93).

A música constitui uma linguagem expressiva que envolve gesto, movimento e ação, dessa forma é necessário oferecer as crianças atividades em que elas criem seu próprio gesto, interpretem as canções, observem e imitem seus colegas, deixando de lado a obrigação de

gestos mecanizados, comandados o tempo todo, um vício que insiste em se repetir na educação infantil (BRITTO, 2003).

A autora garante que cantando coletivamente, além de ouvir sua própria voz, a criança ouve o outro e ao grupo todo. Através dessa estratégia aspectos como concentração, atenção, personalidade, cooperação e espírito de coletividade são desenvolvidos. Canções infantis da cultura brasileira são fundamentais no repertório de musicalização, pois estimulam a improvisação e a criação de outras canções.

Com base em Britto (2003), o repertório para a realização de um trabalho musical deve ser selecionado a partir da melodia, ritmo e letra adequados a faixa etária. Aproveitar aquilo de bom que as crianças já trazem consigo é uma ótima estratégia, o que não significa utilizar canções veiculadas pela mídia, que na maioria das vezes, acabam sendo as menos indicadas para esse trabalho. As músicas da cultura popular infantil são ricas em produtos musicais, e devem ser utilizadas no ambiente da educação infantil.

Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.

Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem os acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances etc (BRASIL, 1998, v. 3, p. 70).

É importante nesse contexto estabelecer contato direto com o canto, com a dança, com a representação e com todas as outras estratégias já citadas, assim é possível constituir valores próprios da formação e identidade cultural desde a primeira infância (BRITTO, 2003).

Rosa (1990) assegura que bons resultados no desenvolvimento da musicalização, só serão significativos se o educador oferecer atividades adequadas, organizar experiências, garantindo a expressividade infantil, além de assumir uma postura reflexiva e crítica.

4.1 A pedagogia da musicalização no processo de ensino-aprendizagem

A música é um modelo de exercício significativo, onde se pode considerar que o educando aprende com prazer e acrescenta de modo significativo seu interesse e motivação no momento da aprendizagem. A maneira com que as crianças aprendem e se relacionam com os sons, tornar-se visível o modo como percebem, compreendem e interagem com a realidade do mundo que exploram a cada dia (BRITTO, 2003). Nessa mesma perspectiva Snyder (1997) faz a seguinte colocação:

Propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente (SNYDERS, 1997, p. 14).

Deve-se respeitar toda cultura no momento em que se instrui o ensino da música. O conhecimento musical prévio da criança não pode ser desconhecido ou simplesmente desprezado. De acordo com Brasil (1998, v. 3) para que a aprendizagem da música possa ser eficaz no desenvolvimento das crianças como cidadãos, é fundamental que as crianças tenham a oportunidade de participar ativamente no ensino da música, proporcionando-se um enriquecimento cultural.

Britto (2003, p. 40) faz uma colocação a respeito da importância do conhecimento prévio para a construção de demais conhecimentos: “[...] É importante lembrar que cada criança é única e que percorre seu próprio caminho no sentido da construção do seu conhecimento, em toda e qualquer área”.

De acordo com Britto (2003), a pedagogia musical não deve priorizar a formação de músicos do amanhã, mas sim o desenvolvimento integral da criança, formando seres humanos sensíveis, criativos e reflexivos. A fim de que a atividade com a música seja eficaz dentro das instituições de educação infantil, deve-se integrá-la a outras disciplinas, promovendo ao educando a competência de desenvolver um olhar global da sociedade e do mundo que o rodeia. Souza (2003) afirma essa perspectiva como traz a tarefa da música na educação.

A tarefa básica da música na educação é fazer contato, promover experiências com possibilidades de expressão musical e introduzir os

conteúdos e as diferentes funções da música na sociedade, sob condições atuais e históricas (SOUZA, 2003, p. 180).

Brasil (1998) assegura a necessidade de se respeitar o aspecto de integração do fazer musical às outras disciplinas, uma vez que, a música alimenta uma relação estreita e direta com as linguagens de expressão. Assim pode-se considerar constante probabilidade da realização de projetos integrados, não desprezando nenhuma das disciplinas, e com a consciência de que cada uma tem sua importância na formação da criança.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, v. 3, p. 45).

Rosa (1990) também afiança esse ponto de vista, quando alude que a música deve ser organizada em várias áreas do saber, entretanto deve-se considerar o valor de cada uma dessas áreas, visto que, o objetivo da Educação Infantil é formar crianças integrais. Um dos objetivos do trabalho através da musicalização é contribuir para que as crianças aprendam a viver em grupo, exercendo seu papel dentro da sociedade. Sendo assim Souza apresenta as várias funções atribuídas à música:

[...]Música como terapia, música como auxiliar no desenvolvimento de outras disciplinas, música como mecanismo de controle, música como prazer, música como divertimento e lazer, música como meio de transmissão de valores estéticos, música como meio de trabalhar práticas sociais, valores e tradições culturais dos alunos (Souza, 2003, p. 58).

Britto (2003) chama a atenção a respeito da função da musicalização, onde essa não tem a finalidade de eleger “talentos naturais”, mas sim proporcionar as crianças momentos de prazer integrado ao lúdico, e também salienta que a linguagem musical é construída através das reflexões dirigidas pelo educador, além das vivências do dia-a-dia. Desta maneira todos têm o direito de cantar mesmo que este seja desafinado, e também de tocar mesmo que não minucie corretamente o instrumento musical, pois dessa forma considera-se que esta criança está criando sua própria música dentro de si.

Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso de rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno [...] (BRITTO, 2003, p. 53).

Segundo Rosa (1990), a criança precisa aprender a linguagem musical e o senso rítmico, pois o mundo que nos cerca apresenta abundância desses, como: o (tic tac) do relógio, o andar das pessoas, o cantar dos pássaros, enfim, os variados ruídos presentes em nosso entorno. Assim a autora faz uma recomendação aos educadores, relatando a importância de expor às crianças ritmos diferentes, pois estes contribuem ativamente para a aprimoração da expressão corporal.

4.2 A inteligência musical no caminho de uma aprendizagem significativa

A inteligência é a aptidão de solucionar dificuldades e organizar produtos que sejam apreciados, em um ou mais espaços culturais. É uma escola onde se pode conhecer, compreender, discernir e adaptar-se a algum contexto, seja esta criança ou adulto. Com intensidade o discurso pedagógico utiliza esse vocábulo (inteligência), na caracterização de “indivíduos inteligentes ou menos inteligentes”, dessa forma compreende-se que não existe uma inteligência única, geral, mas sim inteligências múltiplas (ANTUNES, 2002).

[...] assim ganha espaço a convicção de Howard Gardner e de uma grande equipe da Universidade de Harvard de que o ser humano é dotado de inteligências múltiplas que incluem as dimensões linguísticas, lógico-matemático, espacial, musical, cinésico-corporal, naturalista, intrapessoal e interpessoal (ANTUNES, 2002, p. 13).

Com base em Gardner (1995), o ser humano apresenta pelo menos oito inteligências, onde cada um possui características particulares de inteligência, com os quais já nascem, no entanto, ao decorrer de toda vida ela é aprimorada, por meio de estímulos. Contudo o autor alude que as inteligências, são potenciais puramente biológicos. A competência musical é

considerada por Gardner (1995), uma das inteligências múltiplas, que se traduz em diferentes formas sonoras, capazes de expressar e comunicar-se por meio de sensações, sentimentos, e pensamentos.

A inteligência constitui-se na aptidão da criança, entretanto em um grau de saber mais elevado do que o comum. Na musicalização essa habilidade é caracterizada quando o indivíduo possui destreza significativa para reconhecer sons e ritmos, além de anseio em cantar ou tocar algum instrumento musical. O autor ainda menciona que a inteligência musical é desenvolvida por certas partes do cérebro, e esta resulta na percepção e na produção musical (GARDNER, 1995).

Ainda nessa perspectiva o autor Antunes (2002) menciona que a competência musical, representa uma pretensão natural na humanidade, pois está acoplada à percepção natural do mundo sonoro, assim o papel desempenhado pela música, é entendido como uma forma de compreensão do mundo.

O autor assevera que para a inteligência musical se desenvolver acentuadamente, onde o indivíduo possa atingir resultados relevantes no processo de musicalização, ele precisa de oportunidades e estímulos para que esse desenvolvimento seja significativo, visto que, os estímulos são os mantimentos das inteligências. Sem estas excitações a criança cresce com limitações e seu desenvolvimento cerebral fica completamente comprometido. Ainda com base em Antunes (2002), as inteligências são como janelas abertas de um quarto, assim é um erro supor que as janelas se abrem mais depressa de acordo com estímulos.

É um erro supor que o estímulo possa fazer a janela abrir-se mais depressa. Por isto, esta abertura precisa ser aproveitada por professores e pais com equilíbrio, seriedade e paciência. O estímulo não atua diretamente sobre a janela, mas, se aplicando adequadamente, desenvolve habilidades e estas, sim conduzem a aprendizagens significativas (ANTUNES, 2002, p. 19).

Com base em Antunes (2002) para que ocorra uma aprendizagem significativa às crianças dependem dos estímulos. Para Britto (2003) nesse sentido, o educador deve operar como um animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar o conhecimento das crianças, não apenas no alvo musical, mas refletindo em formar pessoas integrais, o que deve ser um objetivo principal de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da educação infantil

Nesse sentido, importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical insistem em considerar. A educação musical não deve visar a formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim a formação integral das crianças do hoje (BRITTO, 2003, p. 46).

Conforme Gardner (1995) para que ocorra uma aprendizagem significativa na musicalização e para que o desenvolvimento da inteligência musical seja expressivo, é fundamental lembrar que cada criança é única e que trilha seu próprio caminho, construindo conhecimento, em toda e qualquer área. Coll (1990, p. 179) apud Britto (2003, p. 45), contribui nessa perspectiva quando apresenta a importância das crianças construírem suas aprendizagens através de vivências próprias. “A finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva as capacidades de realizar aprendizagens significativas por si próprias [...] e que aprenda a aprender”.

Para Antunes (2002), a criança não é uma esponja que suga tudo o que lhe é proposto. Ele assegura que elas modelam ativamente seu próprio ambiente e se tornam agentes formadores de seu conhecimento. O autor ainda apresenta, que o ambiente dentro da educação infantil, precisa ser afetuoso e rico em estímulos, o que tornará a aprendizagem significativa onde a criança desenvolverá sua inteligência. Antunes (2002) afiança que o mundo externo reflete dentro da criança e dessa forma deve-se antes de tudo respeitar as individualidades vividas no contexto de cada um.

4.3 Os benefícios da música no desenvolvimento do cérebro das crianças

O cérebro é idealizado como órgão da percepção e da inteligência, constituindo-se também um dos mais importantes do nosso corpo humano, levando em conta que é vital para o funcionamento dos demais órgãos sua atividade funcional. O cérebro é uma parte do encéfalo, localizada na parte superior do crânio a qual recebe, organiza e distribui informações para orientar nossas ações (OLIVEIRA, 2006).

Com base em Antunes (2002, p. 14) nos primeiros anos de vida, o cérebro passa dos 400 gramas do nascimento, para aproximadamente um quilo e meio na fase adulta, dessa forma vai desenvolvendo e adequando-se nas mais variadas funções com conexões entre os

neurônios que se constituem em uma rede de conhecimentos diversificados. Assim a área do organismo permanece pronta, mas vai desenvolvendo-se progressivamente. “Para que esse desenvolvimento cerebral atinja toda sua potencialidade e multiplique seu poder de conexões, necessita de ginástica e esta é, genericamente, chamada de estímulos”.

Conforme Antunes (2002) sem os estímulos que a música proporciona, a criança cresce com limitações, e seu desenvolvimento cerebral fica extremamente comprometido. No entanto é necessária muita cautela, visto que, estimulações excessivas podem causar efeitos reversos, prejudicando o desenvolvimento natural da criança. Segundo Britto (2003) é necessário ter muito cuidado para não desempenhar uma estimulação precoce, pois cada criança tem o momento certo para adquirir conhecimento. A autora ainda assevera que, quanto mais se expõe a criança a estímulos, mais ela poderá aproveitar as potencialidades de seu cérebro.

Os sons que estimulam os neurônios dos bebês, mesmo quando ainda estão no útero materno, são milhares, incluindo os diálogos que a gestante mantém com o filho e os cantos que entoa quando acaricia a barriga. Tudo o que o bebê experimenta desde o início, da sua vida no mundo, contribui para construção de seu cérebro (BRITTO, 2003). Aludindo essa perspectiva Souza (2003) coloca:

As crianças pequenas são conhecidas por apresentarem inesperadas capacidades para perceber e responder aos componentes básicos da música. A sua competência musical é evidente muito antes de começar a falar, levantando-se a questão da idade em que o sistema nervoso e o cérebro começam a permitir a percepção, memorização e o processamento da música. As investigações desenvolvidas com este propósito levaram a uma conclusão surpreendente. Muito antes do nascimento. Assim, o útero será a primeira sala de concertos (WINBERGER, 1999, apud SOUZA, 2003, p. 23).

Por meio da envoltura das crianças como o mundo sonoro percebe-se que, sua relação com os sons se inicia bem antes do nascimento, visto que, na etapa intrauterina os recém-nascidos já mantêm contato estreito com os sons, esses gerados através do corpo da mãe. Exemplos dos sons com os quais os bebês convivem nessa fase, são caracterizados pelo sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. O procedimento de musicalização para crianças principia espontaneamente, por meio da relação com toda a multiplicidade de sons do dia-a-dia (BRITTO, 2003).

Segundo Gardner (1995), a música é um dos instrumentos mais fortes para excitar os circuitos do cérebro, e necessário introduzir a musicalização infantil não só para que se tornem músicos de talento, mas para que outras extensões do cérebro sejam estimuladas. Percebe-se que o cérebro necessita de estímulos, compete ao professor notar o momento ideal para que cada criança atinja suas potencialidades, e desenvolva seus conhecimentos durante cada etapa pertinente da educação infantil.

5 AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A pedagogia musical carece basear-se no estudo intenso da personalidade infantil. O conhecimento do comportamento, interesses, prioridades e necessidades da criança norteará o educador, dessa forma ele trará conhecimentos essenciais para utilizar corretamente não somente as metodologias de ensino, como também as músicas e os materiais a serem aplicados (STATERI, 1935).

Segundo o autor é importante durante as estratégias pedagógicas na educação infantil, promover um trabalho onde promova estímulo ao aluno, sendo assim o interesse pela música será conservado, ao mesmo tempo em que incitado. Antes de traçar qualquer estratégia, é essencial conhecer cada aluno, pois todo ser humano possui uma cultura, desta forma diversificando o trabalho o educador estará auxiliando para formação de cada criança.

Conforme assevera Brasil (1998), pesquisadores e estudiosos vêm delineando comparações entre o desenvolvimento infantil e o exercício da expressão musical, procedendo em propostas que proponham estratégias que respeitem o modo de apreender, sentir e refletir, em cada etapa do desenvolvimento infantil, e colaborando para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de maneira significativa.

O trabalho com música citado pelo documento menciona a importância de garantir à criança a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, num exercício sensível e expressivo que também oferece condições para o desenvolvimento de habilidades, de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos.

Estratégias pedagógicas para a musicalização devem pautar o aspecto da integração do trabalho musical as outras extensões, já que, por um lado, a música conserva contato estreito e direito com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados, no entanto é necessário cuidar, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais (BRASIL, 1998).

Segundo Stateri (1935), as crianças apreciam atividades alegres, movimentadas, e também àquelas em que ela se sinta segura e cause significado para sua vida. A criança normalmente ama a música e seu maior desejo é poder produzi-la ela mesma. O autor afirma que a criança possui uma estima muito grande pela música, e nessa perspectiva Britto (2003), completa que o educador deve fazer o uso de atividades que a criança explore, construa, e possa expressar seus sentimentos durante as mesmas.

Percebe-se como assevera Britto (2003), que o professor na Educação Infantil pode fazer o uso de artefatos como: o fazer musical, onde o aluno poderá improvisar interpretar, colocar sua criatividade em jogo, além de utilizar instrumentos musicais, onde o professor deve reunir o maior número de fontes sonoras, pois dessa forma possibilitará que as crianças se relacionem com a música, de maneira íntima e integrada.

Conforme Stateri (1935) assegura, durante o planejamento da musicalização deve-se considerar como primordial o desenvolvimento da criatividade, expressão espontânea, memória, atenção, cooperação, sensibilidade auditiva, senso crítico e equilíbrio afetivo, assim formando crianças integrais como ressalta, da maneira como ressalva Britto (2003, p. 42): “[...] acredita-se que o aspecto mais importante a ser desenvolvido por meio da música é um raciocínio globalizante e integrador, conseqüente ao despertador da consciência de interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética”.

As estratégias para a realização de atividades como cita Rosa (1990), deve-se adequar circunstâncias em que as crianças possam contemplar o mundo e expressar-se. Olhar o mundo é aprender e perceber o valor, o significado que a música exerce em todas as coisas. A partir destas significações a criança constrói seu pensamento através do intercâmbio com o ambiente em que a criança está inserida, por meio de distintas manifestações de linguagens musicais.

O trabalho com a linguagem musical deve ser interessante para a criança e para o professor, e isto é só acontecerá se houver uma conscientização cada vez maior da importância de se respeitar a expressividade infantil e de criar oportunidades para que a criança esteja presente no trabalho em sala de aula (ROSA, 1990, p. 23).

Conforme afirma Rosa (1990), a criatividade se define no processo de anulação de projetos repetidos de conhecimentos anteriores, sucessivamente ligado a construção de novos conhecimentos, e a música é um excelente meio para se atingir tal construção. O pensamento humano é criativo, tem aptidão para apreender as diferentes faces dos problemas, integrando muitos conceitos, transformando-os em realidade. Ainda na perspectiva da autora, a melhor configuração de um trabalho pedagógico é aquele que adéqua uma educação integral da criança, e desenvolva durante esse ensino seu senso crítico.

Britto acoplada com a mesma perspectiva defende:

[...] notadamente, convém reforçar que a maior preocupação reside na formação integral do ser humano e para tanto procurar promover situações de comunicação e relacionamento, de debate, estímulo ao pensar e à conscientização, integrando vivências musicais humanas (BRITTO, 2001, p. 44).

De acordo com Rosa (1990), os bons resultados no ensino da música serão alcançados pela adequação das atividades, pela postura reflexiva e crítica do professor, facilitando a aprendizagem, proporcionando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade infantil. As estratégias organizadas dependerão de um professor responsável com o ensino da música e que sempre busque desenvolver potencialidades nas crianças.

5.1 O processo de educação musical por meio de atividades lúdicas

A educação musical proporciona um meio de representação do saber construído, manifestado pela interação cognitiva e afetiva da criança com o meio ambiente. As atividades lúdicas na musicalização devem adequar-se a vivência das crianças, pois são consideradas ferramentas essenciais em todo fazer pedagógico dentro da educação infantil, uma vez que contribui para seu desenvolvimento integral (STATERI, 1935).

Segundo o autor os jogos educativos possuem um valor evidente, pois por meio deles as crianças aprendem a trabalhar em cooperação, respeitar regras, ganhar e perder, enquanto desenvolvem a sua inteligência. Coloca ainda que o jogo para a criança acontece através de um impulso intuitivo.

Da mesma forma como os filhotes dos animais mamíferos em geral, brincam, ou jogam por instinto e ao mesmo tempo por necessidade de prepararem-se para a vida adulta, a criança sente-se bem quando atende a essa necessidade primária, de brincar ou jogar (STATERI, 1935, p. 59).

Dentro do contexto da Educação Infantil a música estabelece uma forte ligação com o brincar, na medida em que abrangem acalantos, brincos e parlendas, brinquedos de roda além

da sonorização de histórias e contos de fada, presentes de varias maneiras diferentes nas diversas regiões brasileiras. Fazem parte desse contexto as canções de ninar, as parlendas, as canções de roda, as adivinhas e os romances (BRASIL, 1998).

Os acalantos constituem brincadeiras musicais características da primeira fase de vida da criança. Algumas para assustar, outras para proteger ou ameaçar, entretanto todas devem ser cantadas realizando um movimento de embalo suave, com o objetivo de proporcionar ao bebê um sono tranquilo. Essas canções estão presentes em todo o Brasil. Alguns exemplos de acalantos são: Dorme Nenê; Nana Nenê; Boi da Cara preta; Tutu-Marambá e Senhora Santana (BRITTO, 2003).

A autora menciona que as parlendas e os brincos são brincadeiras rítmico-musicais. Enquanto as parlendas são brincadeiras com iniciativa da própria criança, os brincos geralmente acontecem por iniciativa dos adultos. Ambas têm o objetivo de entreter e animar bebês e crianças. As parlendas são marcadas pelo uso de rimas e a ausência de música, enquanto os brincos geralmente são cantados e envolvem o movimento do corpo. Junto com os acalantos também são as brincadeiras musicais que fazem parte da primeira infância.

A-do-le-ta
Le peti tole tola
Le café com chocolá
A-do-le-ta
Puxa o rabo do tatu
Quem saiu foi tu

Observação: As crianças ficam em círculo, com os braços estendidos e com as palmas das mãos voltadas para cima. A palma da mão direita fica em cima da palma da mão esquerda do amigo do lado direito.

Seguindo o pulso, a mão direita bate sobre a direita do amigo, que, ao receber a palma, passa adiante, e assim sucessivamente.

Na sílaba final o que deveria receber a palma tira a mão. Caso contrário, cai fora do jogo, e vice-versa (BRITTO, 2003, p. 110).

Com base em BRASIL (1998, p. 71) as parlendas podem ser propriamente ditas e mnemônicas, que são rimas sem música. Elas são uma fórmula de escolha numa brincadeira como mostra o exemplo: “*Rei, capitão, soldado, ladrão, moço bonito do meu coração...*”; Trava-língua são parlendas com uma pronuncia mais complexa: “*Num ninho de mafagafos/ Seis mafagafinhos há/ Quem os desmafagafizar/ Bom desmafagafizador será...*”

Britto (2003) menciona uma forma de brincar com a parlenda mnemônica Rei, Capitão:

Rei
 Capitão
 Soldado
 Ladrão
 Moço bonito
 Do meu coração.

Observação: Brincadeira de contar os botões do casaco. A palavra que coincidir com o último botão indica quem será o noivo ou noiva (um capitão ou a filha do capitão). Lembro, mais uma vez, que essas brincadeiras surgem com variações nas diferentes regiões brasileiras, e, por isso, o mais interessante é pesquisar como brincam as crianças da sua região, da sua comunidade (BRITTO, 2003, p. 108)

BRASIL (1998, p. 71) apresenta que as parlendas mnemônicas possuem conteúdos específicos relativos a números ou nomes, cujo objetivo é fixar os mesmos como se observa no exemplo: “*Um, dois, feijão com arroz/ Três, quatro, feijão no prato/ Cinco, seis, feijão inglês/ Sete, oito, comer biscoito/ Nove, dez, comer pastéis...*”

Conforme alude Britto (2003) é importante que o educador busque em suas lembranças os jogos, canções e brinquedos de roda presentes em sua infância, pesquisando com as pessoas mais velhas, brincadeiras infantis e desenvolvendo-as por meio de estratégias lúdicas, pois elas contribuem para o desenvolvimento harmonioso e sadio, além de oferecer às crianças a oportunidade de interagir com sua própria cultura.

Brasil (1998, p. 71) menciona que “as rondas ou brincadeiras de roda integram poesia, música e dança. No Brasil, receberam influências de várias culturas, especialmente a lusitana, africana, ameríndia, espanhola e francesa.

Britto (2003) faz referência a algumas brincadeiras de roda, entre elas uma brincadeira chamada “Lagarta Pintada”. Uma brincadeira que veio de Portugal, porém pode ser encontrada em diversas regiões brasileiras, e pode apresentar pequenas diferenças na letra e na melodia.

Lagarta pintada quem foi que te pintou?
 Foi uma velhinha que passou por aqui
 No tempo da era fazia poeira
 Puxa lagarta na ponta da orelha.

Formação: Roda no chão. Todas as crianças deixam as duas mãos no chão, e a que comanda o jogo vai, ao cantar, tocando a mão de cada uma, seguindo o pulso da música.

Cada vez que uma rodada termina, a criança que foi a última (...ponta da orelha) tira a mão do chão e segura a orelha da vizinha, até que

toda roda esteja segurando umas a orelha das outras. Levantam-se e rodam cantando sem soltar a orelha! (BRITTO, 2003, p. 112).

A autora ainda relata que muitas brincadeiras de roda da cultura infantil, em que as crianças têm a oportunidade de utilizar seu próprio nome e dos outros participantes, são originárias da Bahia, como a brincadeira “Bambu”.

Bambu, tirabu
Aroeira, manteigueira
Tirá a fulana
Para ser bambu

Formação: As crianças dançam em roda girando no sentido horário. Ao ouvir seu nome citado, a criança vira-se para fora da roda, cruzando os braços na frente do corpo. A roda continua até que todos se virem, e prossegue até trazer todos de volta até o centro (orientação de Lydia Hortélio).

Encontrei também a seguinte referência ao modo de brincar Bambu: Roda, de mãos dadas. Cantam, deslizando o corpo para frente e para trás. Ao nomear uma criança para ser bambu, ela se ajoelha. Quando todas estiverem ajoelhadas, nomeia-se, novamente, para que se levantem (BRITTO, 2003, p. 120).

Ela apresenta outro brinquedo de roda, que é um samba de roda do Recôncavo Baiano.

Parte A
Sai, sai, sai, piaba
Saia da lagoa
Parte B
Bota a mão na cabeça
Outra na cintura
Dá um remelexo no corpo
Uma umbigada na outra.

Formação: Roda com uma criança no centro. A parte A, as crianças dançam em roda ou ficam batendo palmas paradas no lugar, enquanto a criança do centro improvisa movimentos livremente.

Na parte B, a criança que está no centro escolhe alguém da roda e se coloca na frente dele. Fazem os movimentos sugeridos pela letra e terminam com uma “umbigada”. A criança escolhida vai para o centro da roda, e a dança continua... (BRITTO, 2003, p. 121).

Britto (2003, p. 123) menciona que um exemplo de brinquedo cantado que permite ao educador utilizar diferentes estratégias durante sua execução é “A Linda Rosa Juvenil”, que

pode ser encontrada em diferentes regiões brasileiras, em algumas, com pequenas alterações, entretanto é uma rica possibilidade para o exercício de dramatização e improvisação no contexto escolar. “Uma criança pode ser a rosa e ficar no centro da roda. Do lado de fora, ficam a feiticeira e o rei; o tempo e o mato podem ser representados pelas crianças da roda. Como? Juntos vocês poderão decidir!”

Conforme Brasil (1998) os jogos sonoro-musicais permite que as crianças vivenciem algumas características do som e sua interação com o silêncio e a música. A brincadeira de estátua e a dança das cadeiras são jogos que possibilitam a expressão do corpo além de serem ferramentas construtivas no processo de desenvolvimento da atenção, disciplina e concentração.

Jogos com a utilização de sons do próprio ambiente, brinquedos ou instrumentos; jogos realizados através da imitação de gestos e sons vocais e corporais; jogos de adivinhação com o intuito de reconhecer canções; jogos de improvisação e memória musical são estratégias lúdicas que podem e devem ser usadas, pois possibilita a criança momentos de distração e alegria, além de desenvolver habilidades, atitudes e conceitos ligados à musicalização (BRASIL, 1998).

Britto (2003) chama a atenção para as diversas estratégias que esses brinquedos musicais da cultura brasileira oferecem aos educadores, ressaltando que entre as infinitas possibilidades que tais brincadeiras proporcionam, a mais importante entre elas é a efetiva atividade de brincar. Entretanto o educador não deve limitar-se apenas a essas sugestões para atividades do caráter musical, mas sim buscar novas sugestões aprimorando cada vez mais essa prática pedagógica.

5.2 Experiências de apreciação musical para uma aprendizagem eficaz

A atividade de apreciação musical refere é o nome que se dá a audição e interação com as músicas em geral. Ela acontece desde a tenra idade e é caracterizada por situações diferentes de acordo com a faixa etária. Em crianças de zero a três anos, ela ocorre na escuta de diversas obras musicais e na participação e integração com a música e movimentos corporais (BRASIL, 1998).

O mesmo documento relata que em crianças de quatro a seis anos, a apreciação musical acontece por meio da escuta de obras musicais de diferentes gêneros, culturas, estilos, informações sobre canções diversas e seus respectivos autores, entre outros.

A linguagem musical, no que diz respeito às crianças de zero a três anos, deve estar propositalmente presente durante as atividades diárias na rotina de bebês e crianças. Recomenda-se que o educador organize um repertório com músicas que estejam ligadas a cultura popular do cancionero infantil, o qual este seja apresentado às crianças com a finalidade de que elas estabeleçam relações com aquilo que ouvem (BRASIL, 1998).

Entretanto é essencial saber que a música não deve funcionar como pano de fundo para o desenvolvimento de outras atividades, pois essa estratégia impede a valorização do silêncio. Ouvir conteúdos que são do interesse de adultos, quando se troca ou se alimenta um bebê é outra estratégia que deve estar fora do contexto da educação infantil. “O trabalho com a apreciação musical deverá apresentar obras que despertem o desejo de ouvir e interagir, pois para essas crianças ouvir é, também, movimentar-se, já que as crianças percebem e expressam-se globalmente” (BRASIL, 1998, p. 64).

Durante a faixa etária dos quatro aos seis anos, as estratégias de apreciação musical vêm acompanhadas da possibilidade de ampliação da atenção e concentração das crianças, além de favorecer o aumento dos conhecimentos referentes à produção musical. Tais conhecimentos estão relacionados à, que tipo de instrumento está sendo tocado, qual gênero e estilo musical presente na composição, entre outros (BRASIL, 1998).

No entanto Brasil (1998) relata que é necessário cuidar para que o contato da criança com o repertório da cultura infantil, não seja limitado às canções infantis presentes na mídia, pois estas nada contribuem para o desenvolvimento infantil. Através de padrões musicais, elas acabam restringindo o acesso a um universo musical abrangente.

A música sem texto também constitui uma oportunidade no trabalho para o desenvolvimento de algumas habilidades, através dela as crianças também podem perceber, sentir e ouvir, enquanto as canções integram poesia e música, assim sempre tem um significado vinculado a sua composição. “Poderão ser apresentadas partes de composições ou peças breves, danças, repertório da música chamada descritiva, assim como aquelas que foram criadas visando a apreciação musical infantil” (BRASIL, 1998, p. 65).

Segundo Rosa (1990) é importante que o educador proponha aos alunos diferentes repertórios, possibilitando que os alunos escolham aquelas de maior interesse. Durante as apresentações dessas canções o educador pode motivar seus alunos, dando-lhes explicação

dos conteúdos envolvidos na música, assim é possível estabelecer um contato prazeroso e confortável com essa linguagem.

Conforme Brasil (1998) a simples atividade de cantar ou ouvir música está presente constantemente na Educação Infantil, entretanto é necessário atribuir um tempo para a realização de atividades especificamente musicais, por meio de jogos de improvisação, interpretação e composição. Esses jogos podem ser realizados duas ou três vezes por semana no tempo de vinte a trinta minutos, de acordo com a faixa etária trabalhada.

Improvisar é um dos modos de realização musical, ao lado da interpretação e da composição. Presente em todas as culturas musicais, a improvisação está intimamente ligada à tradição musical oral, que independe da notação e não tem como meta a perpetuação, mas sim a comunicação imediata (BRITTO, 2003, p. 123).

Com base em Britto (2003), a improvisação constitui uma estratégia pedagógica essencial, pois está presente em todo o processo de musicalização infantil. Os bebês exploram sons vocais e improvisam seus próprios sons, demonstrando sua primeira forma de improvisação. Depois acabam estabelecendo formas de comunicação que acontecem devido aos estímulos dos adultos, dessa forma acabam criando recursos necessários à expressão lingüística. E esse processo de improvisação se estende à expressão musical, durante as atividades pertinentes a essa linguagem.

Desse modo, se um jogo de improvisação pode servir ao desenvolvimento rítmico, por exemplo, precisa desenvolver também capacidades humanas como a concentração, a autodisciplina, o trabalho em equipe, a criatividade, a memória e o senso crítico, entre outras (BRITTO, 2003, p. 152).

A autora defende que os jogos de improvisação na Educação Infantil, constituem um importante condutor no processo pedagógico-musical. Por meio de estratégias que visam o exercício criativo e o desenvolvimento da comunicação, os jogos aprofundam que as crianças vivenciem aspectos musicais como, qualidades do som, valor do silêncio, criação de melodias, vivência de ritmos, entre outros.

Quando as crianças participam dos jogos de improvisação, ela permite que o educador perceba a maneira com a qual ela se relaciona com os diversos materiais sonoros. Eles podem

ser desenvolvidos com diferentes materiais como instrumentos confeccionados por eles mesmos além dos sons realizados por meio da voz e do corpo (BRITTO, 2003).

A improvisação musical das crianças é seu modo de brincar e de comunicar-se musicalmente, traduzindo em sons seus gestos, sentidos, sensações e pensamentos, simbolizando e sonorizando, explorando e experimentando, fazendo música, história, faz-de-conta, jogo... (BRITTO, 2003, p. 153).

Conforme assegura Brasil (1998), a escuta é uma das tarefas necessárias para a construção de conhecimentos relativos à musicalização e o educador precisa realizar a tarefa de ouvir o que dizem e cantam seus alunos.

O documento também faz referência à necessidade de se desenvolver nas crianças, atitudes de respeito com a voz humana e corporal, pois estes são materiais expressivos e parte integrante no processo de musicalização. O professor como mediador de todo esse processo deve cuidar para que fale e cante de forma adequada, evitando gritar, afinal ele é observado pelas crianças, assim torna-se modelo complementar diante das mesmas.

Assim define-se o fazer musical um meio abrangente e muito significativo para o processo de ensino-aprendizagem dentro da educação infantil, onde surge a necessidade de todo educador aprimorar suas técnicas, buscando as brincadeiras, as canções, os jogos e brinquedos de roda que fizeram parte da sua infância, utilizando suas experiências como estratégias em busca de uma aprendizagem eficaz (BRASIL, 1998).

6 DISCUSSÃO

A música constitui uma linguagem que está presente em nosso entorno desde os tempos primórdios. Com o passar do tempo, ela acompanhou a evolução dos recursos tecnológicos como mencionou Rosa (1990) e atualmente está presente de maneira intensa em nosso cotidiano, conforme afirmou Brasil (1998), seja na TV, no rádio, na internet e nos demais meios de comunicação existentes. O mesmo documento ainda garantiu que esta faz parte da educação desde há muito tempo, mais especificamente desde a Grécia Antiga, onde acoplada com o ensino de filosofia e matemática fazia parte das disciplinas fundamentais para a formação de seres humanos.

Dessa forma no Brasil ela também foi introduzida no contexto escolar, especificamente na Educação Infantil, visto que, é uma das formas mais importantes da expressão humana como relata Brasil (1998).

Esse documento apresenta a musicalização como um processo que proporciona ao educando a possibilidade de ampliar e aperfeiçoar a percepção auditiva, a organização, a imaginação, a coordenação motora, a memorização, a socialização e a expressividade. Dessa forma ressalta-se que no contexto da Educação Infantil, essa ferramenta torna-se importante para contribuir no desenvolvimento integral da criança.

Podemos verificar tais colocações acima citadas a partir de relatos da autora Rosa (1990), quando alude que o educador pode e deve trabalhar a música em todas as outras áreas do conhecimento, pois a mesma auxilia a aprendizagem, proporciona o desenvolvimento de assuntos relevantes uma vez que, desperta a memorização de conteúdos, a expressão e comunicação.

Podemos constatar que tanto o documento citado e a autora seguem o mesmo ponto de vista quando mencionam que a música contribui em todo o processo de formação da criança, o que resultará no desenvolvimento de habilidades fundamentais para essa formação.

Brasil (1998) e Rosa (1990), garantem que a musicalização além de satisfazer prazerosamente a criança no seu aspecto individual, também estimula e desenvolve habilidades em um processo natural de envolvimento e desenvolvimento. Observamos a veracidade da colocação aludida pelos mesmos, e concordamos, devido às vivências nessa área, onde constatamos que as crianças na Educação Infantil apresentam interesse significativo por atividades que explore a expressão corporal, essas que na maioria das vezes são desenvolvidas através da interação do grupo.

A partir do que já assegurou Rosa (1990), a música utilizada em situações bem delineadas, torna-se uma forma de representação da vida da criança, onde contribui expressivamente no processo integral do desenvolvimento do ser humano. Notamos que todos os autores abordados, também sugerem que a música fornece inúmeras possibilidades para formar seres humanos integrais, o qual sejam reflexivos e críticos diante do mundo em que os entornam.

A musicalização deve ser incluída dentro das diversas áreas da Educação Infantil de maneira que desenvolva no educando a expressividade, ou seja, que auxilie no processo de construção do conhecimento como mostrou Brasil (1998), ao mencionar a música como suporte que atende a inúmeros propósitos, como a formação de comportamentos, hábitos e atitudes, memorização de conteúdos, realização de festas comemorativas, criando situações significativas de ensino-aprendizagem.

Rosa (1990) completou a perspectiva de Brasil (1998) ao referir-se que situações como festas comemorativas, precisam ser analisadas cuidadosamente para que não sejam atividades consideradas como principal finalidade para o ensino da música, mas uma de suas aplicações.

Como já citado a mesma autora e Brasil (1998) identificam que a música dentro desse contexto constitui-se uma ferramenta didática atraente e dinâmica, pois através dela o educador tem a oportunidade de interligar vários assuntos. Ainda dentro dessa mesma ótica Britto (2003), também levanta uma crítica a respeito da utilização da música por meio de canções acompanhadas de gestos e imitações, afinal esse método se torna algo mecanizado e sem sentido. Ainda relatam que as dificuldades para a integração da linguagem musical a outros conteúdos são muitas dentro do contexto educacional.

Conforme as autoras Rosa (1990) e Britto (2003) muitos educadores acabam fazendo uso errôneo dessa estratégia de ensino, quando não levam em consideração a abrangência que possui essa ferramenta, pois utilizam a música com a intenção de se fazer recreação, ou simplesmente para suprimir o silêncio durante algumas atividades. Acreditamos que essas colocações feitas pelas autoras são as mais ocorrentes nesse contexto, pois observamos em nosso cotidiano que muitos educadores associam a música como uma estratégia menos importante comparando-se com as demais, onde sua utilização torna-se totalmente desfigurada.

Como já mencionado na revisão de literatura Britto (2003), ainda abordando esse assunto, apresentou que esse erro é decorrente a falta de profissionais da área somada ao despreparo dos educadores para a realização deste trabalho. Ela assevera que os educadores entendem a música como algo pronto, ou seja, utilizam essa linguagem apenas como fonte de

reprodução e interpretação e desconsideram a possibilidade de utilizá-la como uma estratégia pedagógica a qual estimule o aluno a criar, interpretar, improvisar e inventar.

A fim de verificar a colocação feita pela autora Britto (2003), Rosa (1990) assegura que, um educador consciente leva para a sala de aula as mais variadas situações de aprendizagem, incluindo aquelas que envolvam também a linguagem musical.

Podemos alegar a gravidade da situação descrita, ao consultar o documento Brasil (1998) e observar que o mesmo faz menção a defasagem no trabalho desenvolvido com a musicalização na educação infantil, e constatar que a mesma prioriza outras áreas do conhecimento e a música acaba sendo tratada como produto pronto, simplesmente reproduzido e não como conhecimento construído através de práticas de ensino.

Através das colocações mencionadas acima, observamos que os três principais autores utilizados no desenvolvimento dessa pesquisa defendem a mesma ideia, os quais se referem à música como uma fonte de prazer que desperta benefícios na formação de seres humanos integrais e que atualmente, a mesma não é utilizada de forma adequada pelos educadores da área da educação infantil.

A partir da análise feita dos dados mais relevantes, aludidos pelos autores da pesquisa, constatamos a necessidade da melhor formação dos educadores para o trabalho com a musicalização infantil, sabendo que essa ferramenta é fundamental nesse processo.

7 CONCLUSÃO

A presente pesquisa apresentou considerações relevantes de alguns autores renomados na área de musicalização, mostrando a importância da música e seus benefícios para as crianças. Como nota-se durante o desenvolvimento da pesquisa são poucas as atividades musicais direcionadas para a área da Pedagogia, e muitos educadores não usam a música como uma estratégia pedagógica coerente. Isso ocorre muitas vezes porque os mesmos não possuem conhecimentos pertinentes e desvalorizam essa ferramenta. No entanto, a música é utilizada como um recurso sem muitas funções.

É necessário que os educadores levem em sua bagagem a conscientização sobre a importância que a música tem na vida da criança e sua contribuição na formação integral da mesma. É essencial ressaltar que a conduta do educador contribui ativamente para todo processo de ensino-aprendizagem, pois o mesmo atua como facilitador e provedor de informações que irão enriquecer e ampliar a experiência e conhecimento das crianças, não apenas na perspectiva da musicalização mas integralmente.

Pode-se constatar nessa pesquisa, que a música se faz presente constantemente em nosso entorno e é necessário saber explorá-la, tanto ouvindo, como cantando, dançando, imitando, interpretando, pois ela contribui para a formação global, no âmbito cognitivo, afetivo e social.

É preciso nos preocupar em relação à formação das crianças, não apenas com o ensino dos conhecimentos sistematizados como aqueles que englobam o raciocínio lógico e a linguagem oral e escrita, mas também com o ensino de expressões, movimentos corporais e percepções.

Para nossa formação pessoal, o trabalho foi um aprendizado abrangente e significativo, pois obtivemos conhecimentos relevantes sobre o valor da musicalização dentro da formação das crianças, no contexto da educação infantil. Logo, para nossa formação profissional, saber um pouco como utilizar a música na realização da aula e a contribuição que ela ocasiona, tem sido um incentivo para utilizá-la como recurso pedagógico e não um simples passatempo. Dessa forma concluímos o curso de graduação com uma bagagem considerável a respeito da música, conhecendo sua importância nas possibilidades expressivas da criança e sabendo que ainda há muito a ser aprendido e pesquisado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____ **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. Série Pensamento e Ação no Magistério. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

KATZ, Lawrence C. **Mantenha o seu cérebro vivo**: exercícios neuróbicos para ajudar a prevenir a perda de memória e aumentar a capacidade mental. 14. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

OLIVEIRA, T. C. M. de. O desenvolvimento da linguagem musical e sua contribuição no processo ensino-aprendizagem. **Natureza e Artificio**. Série Anais de Evento: Exercício de Cidadania: Ações para Gostar de Ler. v. 2, n. 2, p. 31/33, maio. 2006.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SOUZA, Alberto B. **Educação pela Arte e Artes na Educação.** Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

STATERI, José Júlio. **Estratégias de ensino na musicalização infantil.** São Paulo: Fito, 1935.